

Tiçãõ

Negro

❧ Farça lyrica ❧ ❧
❧ ❧ sobre motivos
de Gil Vicente ❧ ❧
por Henrique Lopes
de Mendonça ❧ ❧ ❧
❧ ❧ musica de ❧ ❧
Augusto Machado ❧

COPLAS



Typographia do «Anuario Com-
mercial», Praça dos Restauradores,
27 (Palacio Foz), Lisboa. 1907. 22



TIÇÃO NEGRO

Coplas

N.º 1

CORO E CECILIA

Côro de homens

Padeirinha linda,
Tens o pão talvez
Menos fresco ainda
Que essa fresca tez.

Côro de mulheres

Infernal padeira,
De bem mau pezar,
'Stamos com lazeira,
Vem-nos aviar.

Cecilia

Paciencia, o pãosinho agora sae do forno,
Ainda escalda as mãos, esp'rae que fique morno.

Coro de mulheres

Pachorra de santo
Não teremos nós,
Não nos dá quebranto
Tua meiga voz.

Coro de homens

Eis-nos entretanto
Presos d'essa voz.
Por ti, doce encanto,
Que faremos nós?

Cecilia

Pãosinho fresco! Pãosinho molle!
De loja alguma melhor não sae.
Que as vossas panças tenro console.
Bom apetite! Tomae! Tomae!

Cecilia e mulheres

Ao ver o bello pãosinho mole
Agua na bocca crescendo vae,
Que o vosso dente n'elle se atole
Em vindo a ceia que nos attrae.

4

Homens

Feliz quem sobre paosinho molle
Depois da lida farrufo cae;
Mas é nascido dentro d'um folle
(quem dogra a moça que nos atrai).

N.º 2

SERENADA-TERCETTO

(AIRES, CECILIA E APARTIÇO)

Aíres

No cen diviso uma estrella
Em transe de se apagar.
Chegae a vossa janelle,
Se vida lhe quereis dar.

Receio porein que em vendo
O olhar com que me enlevaeis,
Se apaguein todas dizendo:
Na terra ha já luz de mais.

(ouve-se ladrar de cães).

Que maldita canzoada!
Perros vis! Calae-vos já.

Apertiço

Fulo está com a canzoada.

Cecilia

Tem ausente a sua amada.

(*Cecilia e Apertiço* (rindo))

Ah! ah! ah! Tem ausente a sua amada.

Aíres

Nao me deixam, os malditos,
Dar a luz

Uns versinhos tao bonitos
(que en compuz.

Apertiço e Cecilia

Bentos cães! Perros benditos!
Ladrem mais! Ladrem, canitos,
Catrapus!

Aíres

Até que emfim se cala o torpe bando,
Graças ao cen!
A noite chega! Em paz te von cantando,
Archanjo meu!

Cecilia e Apartiço

En snto ganas de seguir ladrando:
Ben! ben! ben! ben! ben!

Aíres

Oh flor de peregrine vigo

Mannacial dos meus bens...
Vê lá se me appareces, Apartiço!
Com mil ratos! Enxota-me esses cães.

Apertiço

Prompto, meu amo, mas vão trabalho
Aos ricos bofes dar! talvez.

Aíres

En de conselhos nunca me valho,
Dados por asnos como tu és.

Cecilia

A serenada tendes perdida,
Que a vossa dona momentos ha...

Aíres

Ora mettel-vos co' a vossa vida,
Bisbillhotetra, que tal está!

Cecilia

En prevenir-vos quero somente
Para não terdes lidas em vão.

Aíres

Primeiro os perros, depois a gente,
Ira! que forte sermagaço!
Deixae-me com a breca,

Que seca, que seca!

Nao tem tom, nem som!

Cecilia

Stá bom! Stá bom!

Aíres

Que triste pirraça
 Meu fado teceu!
 Dos cães a vil raça
 E o par tão sandeu,
 Tudo me embaraça,
 Tudo me prendeu.
 Que triste fado o meu!

Cecilia e Aparição

E' boa a chalaça
 Que o fado teceu!
 A furia não passa,
 Rebenta o escarceu!
 Da amada nem raça,
 Que triste fado o seu!

N.º 3

COPLAS

(D. INIGO, CECILIA, BRANCA E D. GONÇALO)

I

D. Inigo

E's Don Inigo de Aguas-fuertes
 Um hombre eru.

Os trez

Um hombre eru.

D. Inigo

Passó trecientos passapuerres
 A Belzebu.

Os trez

A Belzebu.

D. Inigo

Hace en la tierra um calafrio
 Mi sola voz.

Os trez

Su sola voz.

D. Inigo

Y de las almas que le envio
 Se cansa Dios.

E's calafrio
 Mi sola voz,
 De almas que envio
 Se cansa Dios!

Os trez

E's calafrio
 Su sola voz.

D. Inigo

Yo soy Don Inigo
 Que trayo un leon
 En el corazon.
 Sé tengo inimigo,
 Se luchan conmigo,
 Todo es perdicion.

Os trez

E's Don Inigo
 Qual otro leon,
 Se tiene inimigo,
 Todo es perdicion.

II

D. Inigo

Se a las fortunas respondiera
 Que amor me dá...

Os trez

Que amor le dá...

D. Inigo

Pronto de celos se muriera
 La humanidá.

Os trez

La humanidá.

D. Inigo

Y á los bastardos que yo gerara
 Para criar...

Os trez

Para criar...

D. Inigo

Aunque de leche no bastara
 Toda la mar.

A mi bastardos,
No, non bastara
Toda la mar

Os trez

Toda la mar.

D. Inigo

Yo soy D. Inigo
Que trayo un volcan
En el corazon.
Las damas conmigo
No tienen abrigo
Contra la passion.

Os trez

Es Don Inigo
Qual otro volcan,
No hay abrigo
Contra su passion.

N.º 4

SEXTETTO

(BRANCA, CECILIA, BRITES, AIRES, APARIÇO,
D. GONÇALO)

Aires

Olha a lua, que o caminho
Nos aponta além nos ceus.

Branca

Seu fulgor fosse mesquinho
P'ra ti mais que os olhos meus.

Apariço

Enche, ó velha, esse focinho,
Pois que morres por piteus.

Brites

Não no entendo, mas carinho
Vejo bem nos olhos seus.

D. Gonçalo

Minha rosa, meu arminho,
Fosse eu passaro, por Deus!
Que fizera alegre o ninho
No calor dos seios teus.

Cecilia

Sois bem pouco manerinho.
P'ra colchete de manteus.
Que amor! fructo serodio!

Apariço

O' velha! Olá! que brodio!
Que alegre que ella está!

Gonçalo

Embora! tem mais graça!

Cecilia

Deveras? Como a passa,
Mais doce fícará!

Brites

E' meu anjo custodio
Quem petisqueiras dá.

Branca

As nove e meia espero-te!
Que incrível alvorço!
Juntos os dois, o nosso
Tormento acabará.

Apariço

Fugindo assim, o nosso
Tormento acabará.

Meu amor!

Branca

Meu amor!

Gonçalo

Minha flor!

Cecilia

Ai! que amor!

Brites

Meu amor!

Apariço

Ai! que horror!

Cecilia

Em sendo nove horas, que a noite está morta,
A' praça descei,
N'un lento assobio chegae-vos á porta,
Que eu prompto abrirei.

D. Gonçalo

Ao meu paraizo minha alma hoje aporta
Sem dar conta á lei.

Aparição

Coitada! parece que a velha está torta,
Mas vinho não dei.

Brites

O affecto, ó mancebo, minh'alma transporta,
Sim, tua serei.

Branca

Contigo, meu Aires, o sopro confundo,
Que o meu vem de ti.

Aires

Infunde-me a vida no peito jucundo,
Que eu morro por ti.

Branca e Aires

Fujamos bem longe! Nas raias do mundo
Amor nos sorri.
O' noite! apressa-te!
Nas sombras vela
A sorte bella
Que amor nos traz.

Brites

Na terna dadiva
D'esta escudela
Bem se revela
Amor vivaz.

Aparição

A tonta gaba-se,
Cheia a guela,
De eu ter por ella
Meu fatacaz.

Cecilia

Velhote misero,
Caes na esparrela,
Dou-te ora a trela,
Depois verás.

D. Gonçalo

Sinto, nas ancias
De estar com ella,
Forte a espinhela,
Como um rapaz.

Côro interno, depois atravessando a scena

A' hora em que entre as nuvens do poente
Desmaia o dia,
Bemdito seja Deus, bemdito o ceu clemente!
Ave Maria!

N.º 5

TERCETTO DOS CREDORES

(PERO, PADRE BASTIÃO E D. GONÇALO)

Pero e Padre

Nós vimos ao cheiro
Do nosso dinheiro,
Perdido nos bolsos
De vossa mercê.

Senhor, não se zangue!
Dinheiro, se é sangue,
Nós 'stamos sem pinga
Que vida nos dê.

D. Gonçalo

Fallaes bem de leve;
Fidalgo que deve
Faz n'isso aos credores
Mui grata mercê.

Pero

Duas lampadas massiças
Valem quinze mil reaes,

Padre

Cento é vinte sete missas
Suffragando avós e paes.

Pero

Um salcero d'oiro fino,
Um firmal com seu brazão!

Padre

Quatro officios ao Divino
Com famoso cantochão.

D. Gonçalo

Falaez bem de leve, etc.

Pero e Padre

De faces lividas,
Oco paiol,
Das vossas dividas.
Fazemos rol.

D. Gonçalo

Lembranças vividas
Me traz o rol.
Não nego dividas,
Que sou de prol.

Pero

Trez anneis com solitarios,
Um castão com dez rubins.

Padre

Dez sermões a santos varios
Recheados com latins.

Pero

Uma figa a um afillhado,
Brincos d'oiro para a mãe,

Padre

E um solemne baptisado
D'esse indez que pae não tem.

D. Gonçalo

Falaez bem de leve, etc.

Pero e Padre

De faces lividas, etc.

D. Gonçalo

Lembranças vividas, etc.

N.º 6

CANTIGA DO PRETO

(FERNANDO)

Tudo é canseira mardita,
Canseira grande siôr,
Canseira muier bonita,
Canseira se mette horror.

Canseira filhos de mama,
Maior se os não pode ter,
Canseira padre sem ama,
Canseira aturar muier.

Turo é canseira mardita,
Canseira turo é mardita!

Na vira canseira, ser turo canseira,
Mas n'esta canseira de turo o mais mau,
E' sêr home prove, ter muita lazeira,
E gueras mais seccas do que um carapau.

Na vira turo é canseira,
Mas o canseira mais mau
E' sêr prove com lazeira
Mais magro que um carapau.

Chovêra muito, massada,
Massada não chovê, não,
Canseira missa cantada,
Canseira longo sermão,
Canseira negro captivo,
Canseira sêr no Guiné,
Não presta ser home vivo
Mas a morto peor é.

Turo é canseira maldita, etc.
Na vira canseira, etc.

N.º 7

FINAL DO 1.º ACTO

(BRANCA, CECILIA,
GENEBRA, AIRES, APARIÇO, D. INIGO, PERO,
PADRE, D. GONÇALO,
ALCAIDE, BELEGUINS E POPULARES)

Alcaide e beleguins

O alcaide, eil-o prestes,
Mais os beleguins.
De sues e de nortes, de lestes e oestes,
E' nossa tarefa correr a motins.
Que ruido é este aqui, dizei!
Alguem gritou aqui d'el-rei!

Todos os personagens e côro

Alguem gritou aqui d'el-rei.

Pero

Fui eu, fui eu que assim gritei.

Alcaide

Nunca tal vi! se este homem grita,
Porque é que assim se encarrapita?

D. Gonçalo

O' mestre Pero, achas legal
Vir assaltar o meu quintal?

Côro

Vir assaltar o seu quintal?

Pero

Não foi por mal, não foi por mal.

Alcaide

Descei do poleiro,
N'um pulo descei,
'Staes preso, embusteiro,
Por ordem d'El-rei!

Pero

Não sou ratoneiro,
Nem roubo, sabeí!
Soltura requeiro,
Em nome de El-rei!

Branca, Cecilia e Genebra

Que enorme berreiro,
É a causa não sei!

Aires

Vou ver surrateiro
Se a Branca acharei.

Apariço

Da pandega ao cheiro
Eu sempre virei.

D. Inigo

Contra un bando intero
Defiendo yo el-Rey.

Padre

Que ourives matreiro!
In nomine Dei!

D. Gonçalo

Do meu galinheiro
O ladro pilhei.

Alcaide e beleguins

'Stá preso o embusteiro
Em ferros d'El-rei.

Pero

Alcaide meu, 'staes enganado,
Não sou ladrão, mas sou roubado.

Côro

— Quem é ladrão, quem é roubado?
— Quem é ladrão, quem vos roubou?

Pero

Um pretalhão
Tirou-me o embrulho aqui da mão.

Todos

Um pretalhão!

Pero

Era uma salva...

D. Gonçalo

O que?

Pero

Já prompta
Para metter na vossa conta.

Alcaide

Interrogar agora vou
Como o ladrão a rapinou.

Branca

Deixal-os embora na pista do crime,
Minh'alma em delirios de jubilo está;
Revendo teus olhos, teu rosto sublime,
Quem é que antegosos do ceu não terá?

Aires

Calar, prenda amada! que o labio não exprime
Que mar de venturas o ver-te me dá.

Pero

Tamanha desdita não ha, não ha!

D. Inigo

Don Padre, por gracia de Dios decime
Adonde está Blanca.

Padre

Buscae-a, sei lá!

Cecilia

Cautela, tunante, que audacias reprime
A mão que é bem leve, voando p'ra lá.

Aparição

Demonio da moça, que audacias reprime,
E' leve a mão linda, voando p'ra cá.

Pero

De victima arvoram-me em reu d'este crime,
Desdita tamanha não ha, não ha.

Côro

Um branco, outro preto, figuram no crime,
Ladrão qual d'elles será.

Alcaide

Ouvi! ouvi! determino
Que estaes preso muito bem.

Coro e todos, menos Pero e Alcaide

Muito bem! muito bem!

Pero

Jesus! e o preto mofino?

Côro

O preto?

Alcaide

Preso tambem!

Côro

Aonde está o preto?

Alcaide

Fugiu, mas eu prometto
Que não me escapa, não!

Belequins

Que nem por um decreto
Já nos escapa, não!

Côro

Não se lhe escapa, não!
Não, não, não, não!

Branca e Cecilia, Aires e Aparição

O caso nos trouxe
Momentos de amar,
Ensejo tão doce
Que é pena acabar.

Genebra

O negro tingou-se,
O alcaide é alvar,
Eu cá dou-lhe um doce
Se ás mãos o pilhar.

Pero

O caso entortou-se,
O alcaide é alvar,
O preto safou-se,
E eu fico a penar.

D. Inigo, Padre, D. Gonçalo e côro

O alcaide empenhou-se
Em o procurar,
Ninguem se alvoroce
Que elle ha de escapar.

Alcaide e belequins

Justiça empenhou-se
Em o procturar,
Por fino que fosse,
Não pode escapar.

N.º 8

COPLAS

(CECILIA)

Anda n'um corropio
Moça louçã
Que tem mais de um galan!
Que desvario!
Os dois a fio,
Ternissimo assobio,
Pandeiro, talisman.
D'um lado pio, pio!
E d'outro pan, pan!

Se p'ró lado vou dos pios
Eu terei ricos briaes,
Rendas, jóias, atavios,
E soberbos enxovaes;
Mas se a honra não claudica,
Como d'antes tudo fica,
Que a paixão d'um velho é rica
De assobios e nada mais.

Se me volto p'ró pandeiro,
 Isso é já outro cantar.
 Se o pan pan não dá dinheiro,
 Deixa força para amar.
 Não terei luxos sobejos,
 Mas abraços, festas, beijos,
 Muito além dos meus desejos
 Não me devem de faltar.

Anda n'um corropio, etc.

N.º 9

COPLAS

(APARIÇÃO)

Pela estrella que me guia,
 De rascão não me alcunheis!
 Da mui nobre gualtaria,
 Ordem magna, sigo as leis.

A primeira, andar áleria
 Na procura dos seus alvos,
 E pescar, se a fome aperta,
 No bolsinho dos papalvos.

Quem esta prova dá
 Um habito terá.

A segunda, em qualquer briga
 'Star de parte de quem tosa,
 E saber muito á formiga
 Pôr os pés em polvorosa.

Quem segue esta moral
 Tem cruz d'official.

A terceira, ter colheita
 Nas façanhas de Cupido,
 Tanto em graças da sugeita
 Como em chelpa do marido.

Quem tão ladino fôr
 Será commendador.

Finalmente, quando um roubo
 De amor terno se aparelha,
 Arrancar dentes ao lobo,
 Tirar lâ da fraca ovelha.

Quem tal flizer tem jus
 A's honras de gran cruz.

N.º 10

(BRANCA, AIRES)

Branca

O que faremos nós agora?

Aires

De amor falemos;
 De amor tratemos,
 Pois nada mais nos afervora.

Branca

Fugir assim!
 Meu Deus! que louco enredo!
 Tremo de medo!

Aires

Porque tens medo
 Junto de mim?
 Avesita cansada, emfim solta da rede,
 Livre das garras de faminto açor,
 Animo cobra, estanca a sede
 Nos olhos meus, fonte de amor.

Branca

Respirar quero emfim, ave solta da rede,
 Livre das garras de açor.
 Quero estancar ardente sede
 Nos olhos teus, fonte de amor.
 Que susto, Deus do ceu!

Aires

Porque? se, alento pois desejas,
 Sorvel-o podes sobre os labios meus.

Branca

Os beijos são como as cerejas,
 Toma-se o gosto... e adeus, adeus!
 Um anjo em cada um de nós dormita,
 Nem lhe perturba o somno descancado
 Sombra de um sonho de ideal passado,
 De ventura infinita.
 Um anjo em cada um de nós dormita.

Aires

Mas se acaso o desperta um doce beijo,
 Como o roçar de uma aza fraternal,
 Eil-o que haure sedento esse lampejo
 De luz celestial.

Branca

Eil-o que haure sedento esse lampejo
De luz celestial.

Côro de paleiras fóra,

Sus! sus! sem treguas
Lide a padeira,
Que a terra inteira
Adormeceu.

Aires

A luz erguendo-se,
Pelo ether vôiá;
Serenó achou-a,
Prompto a sorveu.

Branca

Serenó achou-a,
Prompto a sorveu.

Aires

E quando n'esse instante elle se libra,
Hospede angelico, em supremo alor,
Reflete em cada fibra
O magico fulgor.
Teus labios une aos meus.

Branca

Não posso! tenho medo!

Aires

Instante só de gosos divinaes!

Branca

Ai! não posso, meu bem! Piedade... Cedo!
Ah! resistir não posso mais!

Branca e Aires

Ah como }
Bem vês! } o angelico
Hospede acorda,
De amor transborda
O peito meu.
As vagas de extasi
Minh' alma afogam,
Sobre ellas vogam
Lumes do ceu.

Côro de paleiras, fóra

O nosso officio
Deus abençoá,
Que é santa a brôa
E o pão do ceu.

S. M.

N.º 11

(CORO e D. GONÇALO)

Côro de paleiras

Oh! sacco de carvão,
Mal entrouxada,
Mal amanhada,
Tição! tição!
Arreda-te, vasculho,
Que já me faz engulho
Tamanha escuridão.
A' força de moxinga,
Desfaço-te em catinga,
Tição! tição! tição!

D. Gonçalo

Linda figura, olá!

Côro

Afasta para lá!

D. Gonçalo

Faz um fidalgo, olé!

Côro

Arreda-te, Guiné!

D. Gonçalo

Vestido de sagui.

Côro

Que cheiro vem de ti!

D. Gonçalo

A rastejar no pó.

Côro

P'ra longe, noitibó!

D. Gonçalo

Ai! quem me dera no
Bahú

Côro

Uh! uh! uh! uh!
Oh! sacco de carvão, etc.

N.º 12

SCENA DA BRUXARIA

a) ESCONJURO

Genebra (declamando)

Alguidar, alguidar,
Que feito foste ao luar,
Debaixo das sete estrellas,
Com cuspinhos de donzellas
Te mandei eu amassar.

D. Inigo (declamando)

Cuspiños decís, tia?
Eso és gran porqueria.

Genebra

Gato preto, negro é o gato,
Bode preto anda no matto,
Negro é o còrvo, negro é o pez.
Negro é o rei do enxadrez.
Negra é a vira do sapato...

(Desata o sacco)

Negro é o sacco que desato.

(Abre o sacco).

D. Inigo (declamando)

Baya con tanta negrura,
Que mi dama és nieve pura!

Genebra (tirando do sacco o que vae dizendo)

Isto é fressura de sapo
Que está n'este guardanapo.

D. Inigo (declamando)

Gracias por el convite,
No tengo apetite.

Genebra

Eis aqui teta de porca,
Barbas de bode furtado...
Fel de morto excomungado...
Seixinhos do pé da forca...

Bolo de trigo alqueivado
Com dois ratos no meu lar,
Por minha mão semeado,
Colhido, moido, amassado,
Nas costas do alguidar.
Eu não juro nem esconjuro:
Mas gallo negro suro
Vae cantar no monturo.

(Ouve-se cantar o gallo)

(Declamando)

E' a hora! Cachopinha,
P'ra trazer o démo azinha.
Canta, canta o esconjuro!

b) EVOCAÇÃO

Cecilia

Sem o auxilio dos infernos
Em amor nada se faz.
Quem lume traz
Aos olhos ternos
Da menina e do rapaz?
Quem lume traz?
Satanaz!

E quem dispensa
A recompensa
Aos lamechas como tu?
Belzebuth!

Quem d'amor tem querelas, abonance-as,
Invocando o demonio, pae das ancias.

Toda a gente encantos deve
Ao calor que o inferno deu.
Quem derreteu
A casta neve
Que é couraça do hymineu?
Asmodeu!

E quem desata
Com mais frescata
De uma boda o cego nó?
Astaroth!

Quem quizer dar quinaus ao matrimonio,
Recorra ao pae das ancias, o demonio.

Abracadabra, Abracadabra
Que a terra se abra!
Surge, archanjo refece,
Nas chammas do amor
Nossa alma aquece,
Infernal seductor,
Apparece, apparece,
Infernal seductor!

(Fernando surge da chaminé).

Fernando

Eis o riabo
Com fogo ao rabo
Que vem do inferno a bom correr.
Um riabo revaro ro riabo,
Aqui me tens, muier.

Genebra (declamando)

Que vês n'esta casa, maldito demonio?

Fernando (declamando)

Um grão castelhano.

Genebra

Que vem elle expor?

Fernando

Busca uma ronzella para matrimonio
Que é Branca re nome, mais branca de côr.

D. Inigo (declamando)

Caramba! el demonio no és muy grossero,
Me trata en las palmas. Però habla Guiné!

Genebra

E' certo! não falla com maximo esmero,
Mas tem grande preito por Vossa Mercê.
Pode este fidalgo ter grata esperança?

Fernando

As faras marinhas o podem mostrar.

Genebra

Pois corre a busca-as já, já, sem tardança.

Fernando

Que grande canceira me vais a ferrar.

Genebra

Vae já, senão treme da minha vingança.

Fernando

Lá vou pelas faras, não vare zangar.

c) BAILADO DAS FADAS MARINHAS

Côro de mulheres (fadas marinhas)

Qual de nós vem mais cansada
N'esta cansada jornada?

Cecilia

Nosso mar é fortunoso,
Nosso viver lacrimoso,
E o chegar é rigoroso
Ao cabo d'esta jornada.

Côro

Qual de nós, etc.

Cecilia

Vós partistes caminhando,
Com lagrimas suspirando,
Sem saber como nem quando
Terá fim vossa jornada.

Côro e Cecilia

Qual de nós, etc.

Cecilia

Em descansando, formae as rondas
Perante nós.
Diabo, acode p'ra que respostas
A' minha voz.

Fernando (descendo da chaminé)

Prompto, siôra, mi deita sondas
De catrapoz.

D. Inigo

Que guapas niñas, olas redondas,
Producis vós.

Cecilia e Côro

Vámos! formemos, filhas das ondas
Dansa veloz!

Sereias, sereias
Em brandas choreas,
Lancemos as teias
Aos loucos mortaes.
Compraz-se este bando
No caso nefando
De peitos sangrando
Quaes rubros coraes.

Sob as vagas cerulas,
N'um leito de perolas,
As lagrimas quéruas
Solvemos do amor.
Sugando entretanto
O nectar do pranto,
Em placido canto
Tornamos a dôr.

Alcaide e Beleguins (dentro)

O alcaide que avança
E os homens da lei
Abri, moradores! abri sem tardança
Que á porta vos bate justiça d'El-rei.

Côro

Ai! Deus nos acuda! no meio da dança,
Às portas nos batem em nome d'El-rei.

N.º 13

FINAL DO 2.º ACTO

(CECILIA, GENEBRA, PERO, D. GONÇALO, D. INIGO
ALCAIDE BELEGUINS E CORO)

Todos, menos D. Gonçalo

Figas! cruces! demo!
Foge, Satanaz!
N'este lance extremo
Valha-me S. Braz,
S. Thiago, eu tremo,
S. Gil, S. Thomaz!

D. Gonçalo

Eu tremo inerte,
Não ousou erguer-me,
Vêde por Deus,
Que o demo salta,
Se algum me falta
Dos membros meus.

Côro

C'ò tição preto
Eu não me metto.
Creio, por Deus,
Que o demo salta,
Que entrou sem falta
Nos membros seus.

Alcaide

Coragem! E' preciso que o diabo
Honre o meu poderio,
Prendia-o, se soubesse agora ao cabo
Aonde se sumiu.

Côro

Eu cá por mim não vi onde o diabo
Agora se sumiu.

D. Inigo

Escuchad, senores, ahora yo hablo,
Porque lo he visto yó,
Para allá se escapó corriendo el diablo,
Por el hogar huyó.

Alcaide

Se entendo bem o vosso castelhano,
Julgo, por minha fê,
Que o diabo correu p'r'alli magano,
Foi pela chaminé.

Todos

Foi pela chaminé.

Genebra, áparte

Oh! co' a breca! se acaso os não engano,
Agarram-me o Guiné.
Ai caluda! que a dor que me agacha
Arrebenta do meu coração,
Foi o corpo da minha muchacha
Que o patife escolheu p'ra mansão.

Todos

Foi o corpo da sua muchacha, etc.

Genebra

Pois não vedes como ella se abaixa,
E se estorce e se deita no chão?
Foi o corpo da minha muchacha, etc.

Cecilia

Urro, bramo, rebento, amarroto,
Que Satan dentro em mim se metten.
Eh! demonios! Draguinho! Caroto!
Astaroth! Belzebuth! Asmodem!

Côro

No seu corpo se esconda o canhoto,
Em lugar de escolher este meu.

Alcaide

Que o diabo se curve ante mim!

Côro

Não se curva o diabo ao malsim.

Alcaide e Beleguins

Então que se metta
No corpo da preta,
Que mais lhe compraz.

Coro

Sim! sim! que se metta
No corpo da preta
O inferno arganaz.

Cecilia

Ai! ai! ai! que eu gemo!
Ai! ai! ai! que o demo
Não me deixa em paz!

D. Gonçalo

Faltava mais esta,
Ser bumbo de festa
Em mão de rapaz.

Coro

Figas, cruces, demo! etc.

N.º 14 — MUSICA DE SCENA

N.º 15 — ALVORADA

Aires

Para uma estrella que de alem me foge
Simulo olhar.
Mas canto para o sol que nasceu hoje
N'outro logar.

Sunam-se embora estrellas na aurea chamma
D'esse arrebol,
Minh'alma inflamma
Radiante sol!
Por tí suspiro,
Radiante sol!
Se dormis, donzella,
Desperta, abri,
Que a ultima estrella
Desmaiando vi.
Abri a janella,
Por piedade abri,
Que a ultima estrella
Desmaiando vi.

Oh! fogo ethereo, singular conquista
De Prometheo!
Só por haver-te quero á escala vista
Tregar ao ceu.

Forças, furias, ardis, por teu respeito
Lhe quero oppor,
Enche-me o peito
Do teu 'splendor!

Sim, meu amor,
Enche-me o peito
Do teu 'splendor.

Se dormis, donzella, etc.

N.º 16

DUETTO DAS MATINAS

(CECILIA, APARIÇO E CORO)

Cecilia

Sim, meu bem! São matinas do amor
Que o sino repica!

Apariço

Sim, meu bem! São matinas do amor
Que o sino repica!

Cecilia

Mas cautela co' o sol que é traidor
E nos mexerica!

Apariço

Oh meu bem!

Os dois

Olha os sinos que alegres que são,
Tlim tlaõ, tlim tlaõ!

Apariço

Mas que importa, Cecilia, meu bem,
Que o sol nos espreite.

Cecilia

Lograr fama, vês tu! não convem
Sem que se aproveite.

Apariço

Ouve lá comó o sino repica!

Cecilia

Pode haver quem malicia lhe deite.

Apariço

Olha os sinos que alegres que são,
Tlim tlaõ!

Os dois

Sim, meu bem, etc.

Cecilia

Comer figos
Tem seus perigos,
Mas inda é mais de encanzinar,
Se acaso a bocca rebentar
Sem comer figos.

Então fiquemos muito amigos,
Muita risota, muita chacota,
Mas a respeito de beijar
Nem a brincar.

Apariço

Mas entre amigos muito amigos
Nunca se nota, se por chacota
Um beijo apenas se trocar
Mesmo a brincar.

Cecilia

Eu sinto deleite
Com as tuas loas,
Embora suspeite
Que a corda me roas,
Quem se quer pregar
Na cruz dos meus braços,
Tem que dar uns passos
Defronte do altar.

Apariço

Em laços que eu deite
Caçadas são boas;
Pombinha, apanhei-te,
D'aqui já não voas.
Para me enlear
N'esses lindos braços,
Darei quantos passos
O meu bem mandar.

Os dois

Tlim! tlão! que o sino
Bem depressa possa
Por intenção nossa
Tambem repicar.

Côro de populares (entrando a rir)

Ah! Ah! Ah! Ah!
Tlim tlão, ladino
Quem com linda moça
Os tédios adoça
Do seu madrugar.

N.º 17

SCENA DO EXORCISMO

(CECILIA, PADRE, FERNANDO, CORO, GENEBRA,
APARIÇO, PERÓ, D. GONÇALO,
ALCAIDE, BELEGUINS COM O CORO)

a) Côro

Vem ahi damnada
A endemoninhada,
Fugi depressa,
Porque essa
Póssessa
Não cessa
De nos saltar.
O demo briga
Na rapariga,
Resiste á figa,
E com cantiga
Nos quer pilhar.
Ai, ai, eu corro e fujo
Ui, ai, que o porco sujo
D'ella não sae.
Vem ahi zenindo,
Vem ahi damnada
A endemoninhada.

Padre

Passou-lhe a furia!

Côro geral

Passou-lhe a furia!

Padre

Agora ature-a
Quem cá ficar
Para a escutar
N'uma lamuria
Que vae cantar.

Todos

N'uma lamuria
Que vae cantar.

*b) ENSALADA**Cecilia*

I

En el mez era de maio,
Vespora de Novidad,
Quando canta la cigarra.
Quem ora soubesse
Onde amor nascesse
Que o semeasse.

Media noche con luar
Al tiempo que el sol salia,
Recordé que no dormia
Con cuidado de cantar.

Ervas d'amor!
A las puertas de la villa,
En medio de la ciudad,
Dijo el abad á Teresa
Tan buen molinero sondes,
Martín Gomes,
Tan buen molinero sondes.

Era la pascoa florida
En el mez de San Juan
Quando la mona parida
Perguntó al Sacristan.

Teresita del Robledo,
Que te guarde Dios de mal,
Respondió Pero Pinan,
Estae quedo co' a mão,
Frei João, Frei João,
Estae quedo co' a mão.

II

Los amores de la niña
Que tan lindos ojos ha,
Foram-se á vela pr'á India.
Ai, quem os topasse
Nas praias distantes
Onde o sol nasce.

Garrida la vi cantar
La cantiga de bonança,
Que a coitada não descança
Com vontade de chorar.

Ervas d'amor, etc.

Cruda, crudele, ben mio,
Ah! pietade mi donai,
Non resolve il mio desio
El agravio que mi fai.

Teresita del Robledo, etc.

Côro geral

Que extranha confusão!
Essa canção
Ninguem a entende, não.

c) EXORCISMO

Padre

Agora que o demo perdeu o juizo
E coisa com coisa não sabe juntar,
E' que é apanhal-o, zás! zás! de improviso
E com boa sova fazel-o abalar.

Côro

Sim! com boa sova fazel-o abalar.

Padre

Vereis que de prompto com meus exorcismos
Eu ponho em bolandas o rei dos abysmos.

(Solemne).

Nome de San Cebrian!
Esconjuro-te Satan!

Cão tinhoso,
Cão leproso,
Sujo bicho,
Torpe lixo,

Sae do corpo melindroso,
Onde fazes o teu nicho.

Sou eu quem te mando,
Reclamando
Pela cruz de Jesus.

Sae! sae! sae!
Vae ou não vae?

Côro

Não sae, não sae,
Não vae, não vae.

Padre (declamando)

Ah! elle é isso, ruim vasculho
Na lingua hebraica vou dar-te engulho...

Zet zeberet zerregud zebet,
O filui soter.

Rehe zezegot relinzet
Tisal Linteser!

Côro

Rehe zezegot relinzet
Tisal Linteser.

Padre (declamando)

Ouviste, Lucifer?
Vae ou não vae?

Côro

Não sae, não sae,
Não vae, não vae.

Padre

Então já te arranjo maldito diabo,
Não vaes pelas boas? Pois vou ás do cabo.

Se não te safas, traste,
Do corpo que assaltaste.
Vaes já, já, de carreira
Andar n'uma poeira.

(Brandindo o cacete d'um popular).

Com este bom arrocho
Estafo-te, carocho,
Com este bom bordão
Desanco-te, ladrão!
Sae! sae! Não vae! não vae!

Côro

Com um bom arrocho
Estafo o carocho,
Desanca o ladrão.

Cecilia

Ai! ai! ai!
Poucos destroços
N'estes meus ossos
Parae! Parae!

Côro

Agora sae, agora vae.

Fernando (dentro do tanque do chafariz;
declamando)

Dêmo já sae como um foguete!
Larga cacete, que ás boas vae!

Padre

Agora vae,
Que a voz escuto
Do demo bruto.
Agora sae,
Agora vae.

Cecilia

Ai! Ai! que eu gemo
Ai! Ai! que o demo
Não me deixa em paz!

Côro

Figas, cruzes, dêmo,
Foje Satanaz!
N'este lance extremo
Valha-me San Braz!

N. 18 — Final

TODOS OS PERSONAGENS e CORO GERAL

Branca

Se o dêmo vos manda que fiquem juntinhos
Os ternos amantes que a sorte juntou,
Por uma sobrinha, n'um par de sobrinhos
Pousae as esp'ranças de ser tio avô.

Aires

A benção vos pedem dois gratós sobrinhos,
Que podem tornar-vos talvez tio avô.

D. Gonçalo (declamando)

Não faço vontades ao dêmo damminho,
E a quem de mim zomba perdões nunca dou.

Fernando (surge do chafariz)

Farto 'star d'esta canceira,
Se bôso não pranta a craro,
Vae o dêmo já metter-se
No corpo de D. Gonçaro.

D. Gonçalo (declamando)

Lá isso é que nunca, parece-me asneira,
Consinto nas bôdas, bem alto o declaro.

Todos, menos *D. Gonçalo* e *Fernando*,
com o *coro*

Ai graças! veremos se o dêmo se esgueira
E nos favorece com seu desamparo.

Padre

Sae! Sae! Vae! Vae!

Côro

Até que sae,
Até que vae.

Fernando

Não quer mais rixas,
No inferno vae.
Boso ficae,
Saude e bichas!

(Some-se).

Coro

Até que ao cabo
Nós respiramos,
Livres estamos
Já do diabo.

Cecilia

Já livre do enquiço,
 Não quero derricho,
 Pois c'ò Apariço
 Vou breve casar.
 E segundo as modas
 Usadas nas bodas,
 Vós todos e todas
 Tereis de folgar.

Todos

E segundo as modas, etc.

Cecilia e Apariço

Que um auto rebente
 N'um baile fervente
 Mandou Gil Vicente,
 Que foi nosso sol.

Todos e Coro

Por isso em descantes
 E voltas galantes,
 Devemos quanto antes
 Fôrmar caracol.